

III ENCONTRO
LUSO-BRASILEIRO DE
CONSERVAÇÃO E RESTAURO

LIVRO DE
RESUMOS

11 A 14 DE NOVEMBRO 2015
UNIVERSIDADE DE ÉVORA



III ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

www.ecr2015.uevora.pt



Reconstrução histórica virtual do retábulo maneirista da Igreja do Espírito Santo de Évora, uma proposta

Catarina PEREIRA⁽¹⁾, Vanda AMARAL⁽¹⁾, Cátia RELVAS⁽¹⁾, Margarida NUNES⁽¹⁾, Frederico HENRIQUES^(1,2), Teresa FERREIRA^(1,3), António CANDEIAS^(1,3)

⁽¹⁾Laboratório HERCULES, Universidade de Évora, ⁽²⁾CITAR, Universidade Católica Portuguesa, ⁽³⁾Departamento de Química, Escola de Ciência e Tecnologia, Universidade de Évora

A história e evolução do património integrado da Igreja do Espírito Santo em Évora é complexa e pouco estudada. O retábulo da capela-mor, mandado construir para a Igreja do Colégio Jesuíta de Évora [1], após duas reformas religiosas, uma invasão francesa, vários anos de abandono e vários proprietários, muito mudou mas poucos registos sobreviveram.

Uma observação preliminar do altar levantou várias questões, nomeadamente sobre a policromia original, muito deteriorada, e sobre as alterações estruturais, evidentes na zona central do tramo superior.

Neste trabalho apresenta-se uma proposta para a reconstrução histórica e o restauro digital do que poderá ter sido o aspecto do retábulo maneirista do altar-mor nos finais do século XVII. O tratamento digital produziu imagens 2D e modelos 3D de baixa resolução. Para tal, recorreu-se a programas de tratamento de imagem e a técnicas de fotogrametria digital de curto alcance.

Desenvolveu-se um trabalho multidisciplinar que integrou a informação histórica com análise de materiais e das técnicas artísticas. Foram recolhidas descrições da igreja nos poucos documentos históricos que se conhecem e sobreviveram até aos nossos dias. Pode-se ainda fazer comparações com retábulos de outras igrejas contemporâneas da ordem Jesuíta, nomeadamente, da Igreja de São Roque em Lisboa, da igreja do Colégio São João Evangelista no Funchal, na ilha da Madeira, e da igreja de Santo Inácio em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira. Foram realizadas análises in-situ por espectroscopia de fluorescência de raio-X e captaram-se imagens de pormenores com um microscópio digital. Foram ainda recolhidas algumas micro-amostras para preparação de cortes estratigráficos que foram depois observados por microscopia óptica. Por último, os cortes estratigráficos, foram analisados por microscopia electrónica de varrimento acoplada a espectroscopia de raio-X por dispersão em energia e ainda espectroscopia micro-Raman [2].

A reconstrução a partir das ferramentas digitais pretende contribuir para um melhor entendimento da evolução histórica do altar. O resultado é publicado numa plataforma on-line, disponibilizando ao público em geral, de uma forma visual, a integração de toda a informação recolhida.



Reconstrução: antes (esq.) e depois (dir.)

[1] F. Lameira, O Retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619-1759, Promotória Monográfica História da Arte 02, Universidade do Algarve, Faro, 2004.
[2] C. Pereira, et al. A investigação científica, uma pedra basilar no estudo, diagnóstico e proposta de intervenção nos retábulos de talha dourada da igreja do Espírito Santo em Évora – Portugal, III Semana Católica de Preservação e V Jornada de Conservação e Restauração, Rio de Janeiro, Setembro de 2014. (in print)

Troféu – Cabeça mumificada de Índio Munduruku

Elsa Murta

Laboratório José Figueiredo, Direção Geral do Património Cultural

A tribo tida como a mais guerreira e numerosa nas margens do rio Tapajós, um afluente do rio Amazonas, tinha como hábito logo a seguir a uma batalha, degolar a cabeça do inimigo e mumifica-la, considerando-a troféu de guerra. Após a mumificação era adornada na zona das orelhas, em volta do pescoço e na boca, com guirlandas, emplumagens de penas em roseta, etc. Seria colocada num cesto ao lado da rede onde dormia o possuidor, com a função de o proteger, ou então pendente de um cinto como prova do valor do guerreiro.

O estudo histórico, levantamento arquivístico e caracterização material, já foi extensamente documentada, quer em artigos, de autoria da conservadora do Museu Antropológico, Museu de História Natural da Universidade de Coimbra, Dr^a Maria Rosário Martins, que em 2003/2004 escreveu em coautoria com Shella Mendonça de Souza, todo o historial desta peça, quer em apresentação pública por Elsa Murta, em 2008 com edição das atas em 2010, no congresso Internacional sobre A Arte Efémera e a Conservação realizado na Fundação Oriente.

Falta agora apresentar visualmente o trabalho de conservação e restauro efetuado: o diagnóstico, a caracterização das decorações com penas, as várias fases de consolidação e limpeza da pele e cabelo, um trabalho feito com grande empenho e respeito pois, antes de ser objeto de devoção ou troféu de guerra era de um ser humano que se tratava.

Prestamos assim homenagem a uma colega na Divisão de Escultura, Gracilina Barros (†) e reconhecemos o apoio de Eng^o Isabel Ribeiro do Laboratório Central de Física e Química, do Instituto José de Figueiredo.